



# HISTÓRIA, TEORIA E MÉTODO EM GEOGRAFIA DA RELIGIÃO

■ ZENY ROSENDAHL

**Resumo:** Este artigo visa ressaltar como abordagem diversas caminham juntas na pesquisa da religião na ciência geográfica. O artigo está estruturado em duas partes de reflexões: a primeira se preocupa com a história da temática e os procedimentos teórico-metodológicos da investigação. Na segunda parte é dedicada aos exemplos empíricos. Os exemplos relatados são contribuições ao entendimento das reflexões contidas na primeira parte. A motivação religiosa do homem, no espaço e no tempo, e sua (re)organização espacial representam o ponto central da análise.

**Palavras-chave:** Geografia da Religião. Sagrado. Fé

Todo campo do conhecimento caracteriza-se por ter a sua própria história, que faz parte da História Geral do Conhecimento Científico, na qual as reflexões foram construídas a respeito dos objetos de análise e também suas metodologias exclusivas ao campo de investigação, contribuindo, assim, para que o conhecimento possa ser aprofundado.

Este artigo visa a contribuir para o debate da temática: História, Teoria e Método em Geografia da Religião. Acreditamos que o tema

apresenta visões distintas, que entretanto caminham juntas na construção do saber científico. Iremos destacá-las para o aprofundamento teórico com desejo de colocar em evidência as reflexões de cada item. Assim, o texto divide-se em duas partes que se integram entre si. Na primeira, faremos uma breve análise da história e dos procedimentos teórico-metodológicos dedicados à espacialidade da religião. Na segunda parte apresentaremos dois exemplos empíricos como contribuição conectada às reflexões da relação

ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, N. 31, P.24-39, JAN./JUN. DE 2012  
<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>

espaço e religião. *A paisagem simbólica como descrição da personalidade do lugar: A Certidão de Nascimento do Brasil e a Ressurreição da Catedral de Cristo Salvador em Moscou* como dois exemplos empíricos capazes de contribuir para as reflexões sobre a relação entre o espaço e a religião.

A abordagem da religião na geografia vem impondo reflexões sobre a experiência religiosa dos indivíduos e dos grupos sociais na construção de espaços fortemente vinculados ao sagrado. Como investigar o sagrado em sua dimensão espacial?

A Geografia da Religião deve ser compreendida como o estudo da ação desempenhada pela motivação religiosa do homem em sua criação e sucessivas transformações espaciais. Supõe-se a existência de um impulso religioso no homem que o leva a agir sobre seu ambiente, qualificando-o com formas espaciais que estão diretamente relacionadas com as suas necessidades. São marcas simbólicas que respondem aos desejos do devoto em suas práticas espaciais conforme apontam os estudos de Issac (1959-60), Sopher (1960), Büttner (1985), Kong (1990, 1999 e 2000) e Rosendahl (1996, 2003, 2009, 2012) entre outros pesquisadores.

A história dos estudos dedicados à espacialidade da religião nos remete ao geógrafo alemão Gottlieb. Vários estudiosos acreditam que o termo *geografia da religião* foi usado pela primeira vez numa publicação de Gottlieb, no ano de 1795, na Alemanha (Büttner, 1990). Os caminhos da construção teórica da investigação da

religião pela abordagem geográfica permanecem ao longo dos séculos XVIII e XIX, as análises feitas por geógrafos nesse período privilegiam a geografia histórica dos tempos bíblicos. A literatura existente ressalta que, na primeira metade do século XX, a abordagem da religião na geografia esteve alijada dos estudos teóricos publicados na ciência geográfica, mas obras dedicadas à geografia e à religião devem ser mencionadas, pois fornecem o caminho inicial dos estudos teóricos de religião entre os geógrafos. Paul Fickeler (1947), Pierre Defontaines (1948), Max Sorre (1957), David Sopher (1967) e Maria C. França (1972) mencionam o estudo da religião em seus estudos.

A década de 1970 marca novas reflexões de pesquisa da religião em geografia e representa o início do período em que novas e variadas abordagens de investigações surgem conforme os estudos de Tanaka (1981), Bonnemaisom (1981), Sopher (1984), Rinschede (1985) e Claval (1992) entre outros.

A experiência da fé na pesquisa geográfica apresentada nos estudos pós 1990 enfatiza a perspectiva cultural do indivíduo e/ou do grupo social escolhido para análise. Os estudos exemplificam as relações entre espaço e religião, nas quais dois pontos são fundamentais na interpretação: *sagrado e profano*. É a manifestação material do sagrado no espaço que favorece o desenvolver da religião nos estudos em geografia. Examina-se como a prática de ver e sentir o sagrado relaciona-se com a sociedade e o espaço. (ROSENDAHL, 1994, 2003, 2009, 2010 e 2012).

Os estudos realizados tendo com base nessas categorias de análise ratificam a aplicabilidade de uma metodologia que destaque duas perspectivas. A primeira sugere caminhos amplos de análise e está, na maioria dos casos, relacionada com as orientações gerais da pesquisa. A segunda ação metodológica aponta para os procedimentos operacionais práticos por meio dos quais um conhecimento será produzido. O caminho da investigação está delineado e na tentativa de impor o ponto de partida das reflexões em geografia da religião, o geógrafo Büttner (1985) retoma suas orientações metodológicas em três campos de investigação: (a) o primeiro reflete uma orientação geográfica crescentemente social, em oposição à inclinação geográfica claramente cultural. O geógrafo orientado pela nova geografia social inicia sua investigação pela comunidade religiosa ou *religionskorper*. Nessa metodologia, o principal interesse da pesquisa é reconhecer sua estrutura espacial, as atividades que dão origem a suas formas espaciais construídas, suas atitudes mentais e os processos de mudança associada ao comportamento do homem; (b) o segundo trata da experiência religiosa individual. O geógrafo, como um estudioso da religião, será capaz de oferecer contribuições efetivas e inovadoras ao estudo da manifestação espacial do sagrado; (c) o terceiro considera a dialética entre religião e ambiente. Acreditamos, juntamente com Büttner (1985 e 1987), Sopher (1967 e 1981) e outros estudiosos, na importância dos aspectos da vida religiosa, pois a temática permite a investigação de outras categorias de análise, como imagem e simbolismo,

valor e significado e outros. Os geógrafos Kasche (1985), Büttner (1985), Kong (1990) e Withers (1996) argumentam que é necessário mostrar a influência da religião sobre o homem, reconhecer a ação religiosa nos hábitos e costumes e também as estratégias contidas em suas territorialidades na gestão de seus territórios. Por outro lado, também devem ser mencionadas as influências externas que levam à modificação da religião considerada no estudo. O aspecto específico religioso em geografia abrange a Metadisciplinaridade. O processo dialético enfatiza a ligação entre os vários componentes do sistema religioso.

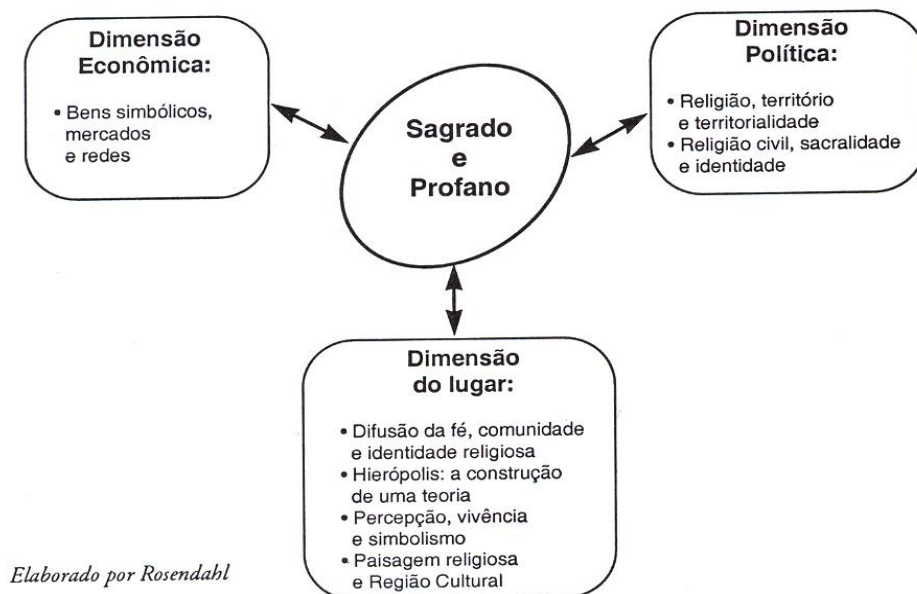
Os procedimentos teórico-metodológicos de investigação das relações entre religião e geografia verificam-se em múltiplas escalas geográficas, e em cada uma a interpretação caracteriza-se por específicos processos de ação decisiva entre religião e espaço, bem como as estratégias de poder e a forma de sua organização espacial. Selecionamos para a escala nacional e a escala do lugar. Na escala nacional, a difusão espacial de uma crença e as áreas territoriais do poder religioso se diferenciam entre si em virtude de funções distintas que exercem com as igrejas, os templos, as mesquitas, as sinagogas, os prédios administrativos e outras formas espaciais religiosas. Na escala do lugar, a construção do espaço sagrado e sua área de abrangência são demarcadas pelos itinerários simbólicos, pelos lugares em que ocorrem as práticas devocionais e **pelos** espaços das atividades religiosas. É necessário lembrar que o lugar favorece o exercício da fé e da identidade religiosa do devoto (ROSENDAHL, 2005 e

2010). A *pesquisa de campo* deve ser incentivada como instrumento metodológico, pois permite ao pesquisador uma maneira privilegiada de obtenção de dados etnográficos confiáveis da religiosidade do crente em suas manifestações na paisagem religiosa e no lugar sagrado.

As reflexões interpretativas das diferentes sociedades em suas complexas ligações da religião com as outras dimensões da vida têm atualmente como tema a importância do sagrado e sua espacialidade. A teoria resultante tem sua expressão máxima no conjunto de quatro temas nos quais a espacialidade da religião é posta em evidência e submetida à análise, a saber, (a) fé, espaço e tempo: difusão e área de abrangência; (b) centros de convergência religiosa e irradiação; (c) religião, território e territorialidade; e (d) espaço e lugar sagrado: vivência, percepção e simbolismo. Esse conjunto de temas, que em si constituem parte do temário da geografia humana, pode e deve ser introduzido na geografia da religião. As pesquisas encaminhadas nessas temáticas, no século XXI, estimulam análises sistemáticas e comparativas entre as diversas religiões e suas respectivas dimensões espaciais. Esses estudos visam tanto a encontrar analogias como a formular princípios na /da diversidade religiosa no espaço.

A literatura aponta forte continuidade ao estudo do sagrado e do profano em três dimensões de análise, a saber, (a) a dimensão econômica que abrange a mercantilização dos bens simbólicos e o lugar religioso; (b) a dimensão política na qual

reconhece as estratégias político-religiosas das instituições possuem a gestão do sagrado; e (c) a dimensão do lugar simbólico que trata do significado das práticas religiosas na diversidade da difusão da fé e na pluralidade de identidades religiosas. A figura abaixo demonstra possíveis desmembramentos de cada item citado anteriormente.



**Figura 1 — Sagrado e Profano — dimensões e análise.**

Numerosos estudos em ciências sociais realizados atualmente têm como objetivo central a prática da religião e sua importância na sociedade. Alguns assinalam com destaque o papel político particularmente desempenhado pela Igreja Católica em diferentes contextos espaciais. A partir dos anos 1960, a abordagem política nos estudos realizados deixa de se ater apenas aos dados espaciais posto que sua ênfase está além das realidades territoriais. A intenção é analisar a dimensão espacial das relações sociais que colocam em jogo efeitos do poder. Outra perspectiva de interpretação foi apresentada há três décadas.

Amplamente inspirada em Michel Foucault, ela se vê como crítica e insiste, de modo mais especial, no papel de determinadas técnicas espaciais no desenvolvimento de formas simbólicas de poder e de dominação. As relações entre política, religião e espaço manifestam-se de diferentes modos e suas manifestações espaciais também o fazem; um deles sendo os territórios político-administrativos com limites rigidamente estabelecidos, configurando municípios, estados e países. Para assegurar a unidade de comando necessária para uma ação coletiva, o poder é exercido por agentes e em seus territórios administrativos. Os territórios religiosos, dioceses

e paróquias da Igreja Católica Apostólica Romana são manifestações em que a Instituição Religiosa define fronteiras e faz com que seus vizinhos as respeitem, o que implica uma organização hierárquica com unidade de comando em Roma, o Território-Estado da Instituição Religiosa Católica Apostólica Romana.

Há diferentes maneiras de conhecer as relações entre política, religião e espaço. Na perspectiva da geografia, é possível pensar essas relações a partir de alguns temas eminentemente geográficos. Isso não implica abandonar temas especificamente associados à religião, mas, ao contrário, incorporá-los às temáticas geográficas na crença de que a espacialidade, que define o olhar da geografia, se faz presente em toda a ação humana. A geografia cultural pós-1970, denominada de nova geografia cultural e/ou geografia cultural renovada, está amplamente preocupada com a identidade cultural, com o conceito de lugar e o simbolismo de coisas e objetos na paisagem. Os geógrafos focalizam a maneira como os grupos culturais criam paisagens e, por sua vez, têm sua identidade cultural reforçada por essa paisagem. O conceito de paisagem, na geografia cultural renovada, enfatiza as características materiais e imateriais da cultura.

Nas relações entre política, religião e espaço, as práticas espaciais são colocadas em ação por agentes sociais vinculados diretamente ou não a uma dada religião. Práticas espaciais são um conjunto de ações atuando diretamente sobre o espaço visando a alcançar algum fim. As práticas espaciais religiosas têm por finalidade organizar a

vida dos indivíduos e de lhes dar um sentido no âmbito da comunidade de crentes de que participa (STODDARD ET PROPOK, 2003). A ideia de que o homem é religioso significa dizer que o homem é motivado pela fé em sua experiência de vida. Essa noção permite a leitura da dimensão político-espacial da religião em suas múltiplas estratégias espaciais. O estudo da territorialidade tem forte significado tanto para as sociedades modernas quanto para aquelas que permanecem tradicionais (ROSENDAHL, 2005), "O espaço assume uma dimensão simbólica e cultural onde se enraízam seus valores e através do qual se afirma a sua identidade" (BONNEMAISON, 2002[1981], p. 249). Ao mesmo tempo, as estratégias espaciais acentuam o domínio político de grupos nacionais civis que possuem autoridade quase religiosa.

As relações entre política, religião e espaço verificam-se em múltiplas escalas, cada uma caracterizando-se por específicos processos, ações estratégicas e formas espaciais. Essas múltiplas escalas, por outro lado, estão no âmbito de cada religião institucional que confere unidade funcional e política à religião. As múltiplas escalas decorrem em razão de a religião constituir-se em instituições pontuais diferenciadas entre si, como também formas em área. As primeiras, pontuais, diferenciam-se entre si em virtude de funções distintas que exercem, a exemplo de templos, prédios administrativos, cemitérios religiosos, e outras, como pela hierarquia que, no âmbito de cada função, podem exercer. As formas em área constituem os territórios paroquiais e diocesanos ou ainda territórios específicos. As formas pontuais

e em área estão inter-relacionadas e originam escalas espaciais de ação da religião.

A análise da dinâmica do poder e da sua ação em diferentes escalas assinala a multiplicidade de estratégias imaginadas para fazer com que os grupos religiosos sobrevivam e para estabelecer seu domínio no espaço. É possível diferenciar dois grandes tipos de sociedade:

(a) a sociedade e/ou grupo étnico-religioso em que o poder está imbricado nos sistemas de relações cuja finalidade é múltipla e onde o poder religioso é apenas um ingrediente;

(b) as sociedades onde uma parte das formas do poder se autonomiza (CASTRO, 2009; CLAVAL, 1992, 2010). É por meio dessa complexidade da natureza territorial, "mais que um mero espaço de controle ou escala de mando" (CASTRO, 2009, p. 586), que a Instituição Religiosa se mantém.

Nesse sentido, é possível acrescentar que é pela existência de uma religião que se cria um território e é pelo território que se fortalecem as experiências religiosas coletivas e individuais. Há necessidade, em nível teórico, de explorar a experiência da fé no lugar em que ela ocorre. A religião pode ser compreendida hoje como uma "visão de mundo" (GEERTZ, 1989). A interpretação dos valores cognitivos representa o princípio sobre o qual o homem "jogado" na natureza encontra respostas e chega a compreender o sentido de sua presença neste mundo. Como uma dada sociedade realiza essa relação com uma cosmologia para atender a demanda do crente, pois é sabido que cada grupo social possui diferentes e variados caminhos de

difusão da fé em sua continuação relação com o lugar e/ ou território religioso.

A difusão da fé e a escala de atuação de uma dada comunidade podem ser agora abordadas. Esse texto visa a iluminar as relações entre as estratégias territoriais religiosas e a dimensão do lugar. A eficácia de uma dada estratégia implanta marcas e matrizes no lugar, na paisagem.

A literatura, pós-1970 aponta inúmeras pesquisas na interpretação da identidade no lugar e do lugar. Os geógrafos focalizam a maneira como os grupos culturais criam paisagens e, por sua vez, têm sua identidade cultural reforçada por essa paisagem. O conceito de paisagem, na geografia cultural renovada, enfatiza as características materiais e imateriais da cultura.

Ao longo do século XX, o conceito de paisagem, um dos mais antigos da geografia, é repensado com inúmeras abordagens e com fortes debates acadêmicos entre os geógrafos. O conceito de paisagem, nesse texto, privilegiará a análise na perspectiva cultural. De acordo com Corrêa (2003), a nova geografia cultural resgata e amplia as bases epistemológicas desenvolvidas pela geografia cultural de Sauer e dos geógrafos europeus. Para o autor, a simbologia da paisagem é analisada por meio de obras literárias, pintura, música e cinema, considerada a sua representação a partir da ótica de diferentes grupos sociais. Paisagem e simbolismo representam palavras-chave nos estudos recentes. O geógrafo Denis Cosgrove (1998), em suas análises da paisagem e seus significados, indica novas teorias na interpretação



da paisagem, do imaginário e do simbolismo da ação do homem em sua reprodução espacial.

A paisagem sempre esteve intimamente ligada, na geografia humana, com a cultura e com a ideia de formas visíveis sobre a terra e suas composições. A paisagem, de fato, é uma maneira de ver, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma cena, em uma unidade visível. Assim, a paisagem há muito vem sendo associada à cultura. A geografia está em toda a parte, evidenciando que há forte simbolismo na composição das paisagens humanas. Tal premissa representa uma análise da abordagem cultural nos estudos sobre a paisagem. Tais ideias estão no livro *Paisagem, tempo e cultura*, da Coleção Geografia Cultural, da EdUERJ, de 1998.

Os estudos realizados nos últimos dez anos têm interpretado a criação de formas simbólicas sacralizadas que reforçam a construção de identidade nacional no grupo religioso selecionado para análise. No desejo de exemplificar tais pesquisas, selecionamos dois exemplos. O primeiro aborda a estratégica político-religiosa dos portugueses, em 1500, ao chegarem no Brasil, e em nossa análise será abordada com a interpretação da paisagem simbólica contida na tela *A Primeira Missa no Brasil* de Ivo Meirelles. O segundo exemplo refere-se à dinâmica do lugar sagrado em seus diferentes momentos históricos. O artigo Siderov (2000) intitulado *O Renascer da Igreja Ortodoxa Russa*, na cidade de Moscou, Rússia, obra de Vitor Meirelles (1860).

*A certidão de nascimento do Brasil*, como

primeira exemplificação, retrata a motivação dos portugueses no contexto da época. Os historiados Hoornaert (1983) e Azzi (2005, p. 15) bem como outros autores registraram a finalidade única dos lusos católicos em território brasileiro: a expansão da fé católica ao povo autóctone e o sucesso do povoamento e do comércio. Os reis de Portugal possuíam a convicção bastante clara de que cabia a eles a missão de evangelizar as novas terras descobertas. A representação religiosa e política se aglutinaram na conquista, posse e ocupação do território. Esse poder não emanava da qualidade do ser humano, sendo exercida por privilégio da escolha divina. "No reino lusitano, toda a concepção teológica da Cristandade surgiu solidamente ancorada na ideia da fundação divina da fundação divina da monarquia" (AZZI, 2005 p.25). Portanto, o poder real é assim considerado como um dom, uma graça divina, e o monarca impregnado da graça divina, deve, enfim, ocupar a chefia política e religiosa sobre o seu povo no território e nas novas terras descobertas. Durante os séculos XVI e XVII, os portugueses estiveram fortemente marcados na unidade da fé católica e no poder do império. Caberia ao povo português conservar e expandir a fé, pois era o povo eleito, isto é, Deus havia declarado sua opção pelos portugueses. Não apenas a dinastia lusitana fora escolhida, mas o povo português fora eleito para essa missão. Sendo um povo escolhido por Deus, os portugueses tinham a missão político-religiosa de expansão da fé e do reino de Cristo. No pensamento de Azzi (2005) e de outros historiadores, o resultado desse caráter sacral se



expandiu nas primeiras décadas do século XVI. Com o início dos grandes descobrimentos, os portugueses firmavam a sua posição de bons navegadores e de eleito de sua vocação messiânica. O reino de Portugal adquiri a sua identidade de reino de Deus em marcha Hoonaert (1983) e Azzi (2005) afirmam essa ideia.

Na tentativa de interpretar a paisagem simbólica contida na tela *A Primeira Missa no Brasil*, de Vitor Meirelles, e em comunhão com as reflexões do / professor Amandio Miguel dos Santos em sua aulas no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro a tela em questão pode ser chamada de *a certidão de nascimento do Brasil*, pois indica primeiramente a tentativa de reconhecer a gêneses do país, na paisagem contida na apresentação da tela. Essa escolha, na abordagem geográfica, não será empregada no sentido da paisagem como cena real vista por um observador. O geógrafo, ao descrever a paisagem, exerce suas observações na busca de decodificar seus elementos simbólicos e de, continuamente, tirar conclusões e estabelecer relações com os materiais visíveis na paisagem. Em comunhão com Denis Cosgrove, temos a paisagem da cultura dominante, por definição a de um grupo com poder sobre outro. O grupo dominante na sociedade, de acordo com seus próprios valores e suas ação de poder é

mantido e reproduzido, em grande medida, pela sua capacidade de projetar e comunicar. Mas há a tipologia das paisagens alternativas. Tais paisagens, por sua natureza, estão menos visíveis nas paisagens do que as dominantes, apesar de que, com uma mudança na escala de observação, poderá parecer dominante uma cultura subordinada ou alternativa. Esse artigo privilegiará a paisagem da cultura dominante no contexto político-cultural do ano de 1500 no Brasil, e hoje uma paisagem de muitos elementos do passado e seus fortes significados contemporâneos.



*A primeira missa no Brasil*, 1861. Museu Nacional de Belas Artes

O primeiro exemplo selecionado é uma possível interpretação da paisagem contida na tela *A Primeira Missa no Brasil*, do pintor Vitor Meirelles, datada de 1860 e hoje acervo do Museu Nacional de Belas Artes na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. A representação simbólica da Primeira Missa rezada em solo brasileiro no ano de 1500 retrata o ritual religioso do poder luso-católico sobre os nativos. A tela representa *a certidão de nascimento do Brasil* na construção da América Portuguesa. A cruz, símbolo das conquistas lusitanas e do domínio

cristão sobre os não cristãos, aparece em destaque na pintura. O ritual de celebração da missa, com o altar, a Bíblia, o cálice e a Hóstia, é fixado no seu momento de maior sacralidade: a consagração do pão e do vinho como Corpo e Sangue do Senhor Jesus, revelando claramente que o país nascia *luso-católico*, com forte devoção ao sagrado. Era a manifestação patente de que o “Estado tinha um caráter sacral, e especificamente católico. [...] a Eucaristia era um sinal peculiar da religião católica, em oposição ao islamismo, ao judaísmo e ao próprio protestantismo” (AZZI, 2005 p.268). A

tela de Vitor Meirelles reafirma, no século XIX, a dominação espiritual da fé cristã.

O símbolo religioso da cruz colocado na pintura, a cruz de cada dia, está vinculado ao evangelho de Lucas (Cap 14, 25-32) ao nos recordar a prova do verdadeiro amor entre os cristãos que significa: tomar a própria cruz e seguir os passos de Jesus. Carregar a própria cruz não significa andar pela vida buscando o sofrimento. A cruz vinculada à imaginação religiosa está relacionada com a espada do imperador Constantino e suas conquistas, no século III (d.C). A cruz como representação metafórica da comunidade cristã. Um dos caminhos de que estou partindo para a análise é o de que a verdade de nossas crenças é revelada na história. Constantino foi quem iniciou o impacto político sobre o cristianismo e a atuação do imperador é amplamente reconhecida. A literatura relata que os cristãos latinos têm preferido mantê-lo como o divisor de águas entre o sagrado e o profano. Eusébio de Cesárea (260-339), ao escrever sua biografia, denominou-o de “pai da História da Igreja”. Acrescente-se que, antes de Constantino, a cruz não tinha significado religioso e simbólico. O apóstolo Paulo havia tornado a crucificação essencial para a salvação obtida pela morte de Cristo; “ser crucificado com Cristo” era uma implicação da aceitação da fé; a cruz não concorria, por exemplo, com as águas do batismo. A cruz, na imaginação cristã, ganhou forte simbolismo com o imperador Constantino. A história narra que na véspera da batalha da Ponte Melvin, Constantino “viu no céu o troféu de uma cruz, acima do sol,

tendo a inscrição com isto vencerás”. Baseado nessa visão, Constantino reuniu seu exército e deu-lhe um novo estandarte para ser levado na batalha. Esse novo estandarte representava “uma longa lança vestida de ouro formando a figura da cruz” Carrol, (2002, p. 363).

O sucesso nas batalhas após o uso do novo estandarte permitiu que o imperador Constantino se utilizasse desse sinal de salvação como salvaguarda contra todo o poder adverso e hostil. Os estudos construídos em torno do mito ressaltam que o novo estandarte denominado a “lança e a barra transversa” foi o estandarte militar elaborado no Concílio de Nicéia baseado na visão de Constantino (CARROL, 2002). No ano de 312, um símbolo unificador e universalizante poderia servir ao objetivo do imperador. A cruz, apesar da associação com a morte de Jesus Cristo, é o emblema perfeito para o uso de Constantino em suas batalhas. A forma obtida com a junção dos eixos na horizontal e na vertical, acrescida da sua evocação das quatro direções - o norte, o sul, o leste, e o oeste - agrega forte valor simbólico. O significado da cruz no imaginário religioso está impregnado do poder do sagrado.

A exposição pública da cruz como um símbolo religioso, em especial traduzida na sua confecção em ouro e em joias em geral, foi o primeiro momento de uso de imagens sagradas em local não sagrado. Marca o afastamento da proibição do uso de objetos sagrados fora dos espaços sagrados. A imaginação cristã mudaria após a inovação do imperador Constantino que, com uma iconografia elaborada, permitiu que o

cristianismo permanecesse para sempre separado do judaísmo. A criação do simbolismo das glórias associado à imagem da cruz foi, sem dúvida, ratificada na ação poderosa de Constantino ao elevar a cruz ao reino sagrado e ao abolir a crucificação como norma romana da pena de morte. Assim, o valor simbólico estava em torno dos pescoços, como colar, nos extremos dos rosários; nas paredes das igrejas; e na maioria dos projetos arquitetônicos das próprias igrejas cristãs.

A cruz se tornaria um objeto de adoração e um meio de afastar qualquer mal e os seus efeitos. Carrol (2002) relata que os iconoclastas bizantinos, no período após Constantino, ao eliminarem as imagens de fé, tiveram a preocupação de manter a cruz. Fizeram uma exceção, pois aceitavam a cruz e seu valor simbólico como o sinal sob o qual eles, também, buscavam vencer. A cruz, em nossa análise, na *certidão de nascimento do Brasil*, marca o território de chegada. A cultura lusa venceu a viagem e venceu a conquista religiosa. As letras IHS apresentadas em vestimentas religiosas, tais como toalhas do altar e em outros objetos, são as letras iniciais da palavra grega para o nome Jesus, mas depois do imperador Constantino, essas iniciais passaram a significar *In Hoc Signo (vinces)*, com referência à visão que Constantino teve. Esse significado se mantém firme na memória católica, um sinal de que o mito da conversão de Constantino ainda permanece.

A tela da Primeira Missa no Brasil possui como representação simbólica da manifestação do sagrado, a hierofania realizada durante a missa, no

momento da consagração. Esse momento qualifica o ritual de repetição do ocorrido, em sua primeira vez, por Jesus Cristo, no alto do Gólgota, em celebração de graça divina como um dom divino. Esse ritual de forte poder religioso era exercido pela monarquia portuguesa da época, que ocupava a chefia política e religiosa sobre o seu povo em território português e nos novos territórios descobertos. As pesquisas realizadas demonstram que, durante os séculos XVI e XVII, o povo português esteve marcado fortemente pela unidade da fé, pois era o povo eleito, isto é, Deus havia declarado sua opção pelos portugueses. Beozzo (1983, p. 19) reflete o pensamento da Coroa Portuguesa quanto à propagação da fé e à conversão dos nativos no Brasil. “o principal fim que se manda povoar o Brasil é a redução do gentio à fé católica [...] e convém atraí-los à paz. Para fim da propagação da fé e o aumento da povoação e do comercio”. Foi sob essa estratégia do colonizador que a sociedade colonial brasileira nasceu. A dinâmica da ação missionária não propunha opção religiosa diversa, e sim, impunha um novo caminho de comportamento religioso, o comportamento católico português.

Os nativos foram os primeiros convertidos no território brasileiro e não tiveram outra opção de escolha. A conversão acarretou a perda de sua identidade cultural, a renúncia aos seus cultos e às suas tradições religiosas. A tela da *Certidão de Nascimento do Brasil* retrata os nativos na parte inferior da pintura, porém esses personagens não são os nativos do Brasil na época do descobrimento do país.

O artista Vitor Meirelles, por não ter referência do nativo brasileiro, optou por pintar os nativos da América Central. A tela reafirma no século XIX a dominação espiritual da fé cristã.

Comungo com as ideias de James Carroll (2002). A minha interpretação não visa a negar ou a estabelecer a autenticidade do que relatei, mas caminhar na reflexão dos elementos contidos na paisagem retratada. Reconhecer, com vocês, a visão da cruz como o mito fundador do Estado-Igreja, da Igreja e do Estado que perdura ao longo da história. Enfatizar, também, o apelo da cruz como símbolo universal, particularmente nessa pintura que representa a Primeira Missa na ilha de *Vera Cruz* e Terra de *Santa Cruz*. Denominações que são bem imaginativas e não uma bela coincidência.

A tela de Vitor Meirelles é nossa Certidão de Nascimento. Nosso idioma é o Português e a nossa identidade social e jurídica está impregnada de valores cristãos. A contribuição do geógrafo no estudo de uma determinada paisagem deve priorizar dois fatos fundamentais para o entendermos a realidade: o sentir e o saber. O saber explicado na literatura geográfica e o sentir

presente no afã de conhecer as práticas espaciais simbólicas contidas na ação humana.

O segundo exemplo empírico visa a ressaltar a dinâmica de lugares simbólicos com fortes características econômicas e políticas. Tais dimensões motivaram a criação e a transformação de formas simbólicas espaciais, pela ocupação humana, em processos diferenciados e contínuos ao longo do tempo. A *Ressurreição da Catedral de Cristo Salvador*, na cidade de Moscou, será nosso exemplo. O estudo contempla as novas identidades e os novos comportamentos de vida moldados pela religião ortodoxa russa. Deseja-se refletir sobre o conceito de lugar no sentido de pertencimento, numa tentativa de esclarecer as maneiras como são construídas as identidades de lugares e de pessoas, como indivíduos e membros de grupos, considerando que há uma relação recíproca entre essas identidades (ROSENDAHL, 2005 e 2008). O exemplo contempla a ressurreição do lugar religioso como potencial fonte de conflito e inclui a análise de que os lugares não são simplesmente os resultados não intencionais de processos econômicos, sociais, políticos e religiosos da sociedade (NORTON, 2000).

Quadro 1: Ressurreições da Catedral de Cristo Salvador * Moscou			
<i>Forma Espacial</i>	<i>Simbólica</i>	<i>Contexto/Ideologia</i>	<i>Função</i>
Convento de Alexius (1360/1514 e 1837)		Russa Ortodoxa	Político-Religiosa
Catedral de Vitberg (1817-1825)		Liderança espiritual pós-napoleônica	Memorial de Guerra Igreja Ecumênica
Palácio dos Soviéticos (1937-1941)		Stalin (no início) * Comunismo (URSS)	Monumento Político
Fosso (1941-1960)		Stalin (no final)	—
Piscina de Moscou (1960-1994)		Krushchev/Perestroika	Recreação
Catedral de Cristo Salvador Restaurada (1994/1997-2001)		Política de Gorbachev	Religiosa - Memorial Histórica

Elaborado por Rosendahl (2001), baseado em Sidorov (2000)

Sidorov (2000) argumenta que a reconstrução da Catedral do Cristo Salvador representa um recrudescimento da religião ortodoxa e da história do povo russo. Ambas estão relacionadas às vitórias militares acontecidas em seu país. A consciência nacional russa e a religião ortodoxa enfatizam os elos entre a religião, a comunidade e o lugar. A *ressurreição da Catedral*

*de Cristo Salvador*, no ano de 1993, reúne a fé no lugar com elementos materiais e imateriais impregnados de valor simbólico. A igreja é um símbolo poderoso do rompimento com o tempo passado soviético e o tempo presente da era político-religiosa da sociedade russa. As sucessivas transformações ocorridas no lugar estão colocadas em um esquema para ressaltar as formas

ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, N. 31, P.24-39, JAN./JUN. DE 2012  
<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>



resultantes. A preocupação, ao elaborar o quadro-esquema, foi destacar em três colunas os seguintes itens: a forma espacial construída, o contexto

político-social e/ou ideologia no período escolhido, e a função exercida pela forma espacial selecionada na primeira coluna.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZI, R. A Teologia Católica da Sociedade Colonial Brasileira. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

BEOZZO, J. O. *Leis e regimento das missões*. São Paulo: Editora Loyola, 1983.

BONNEMAISON, J. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia Cultural: um Século* (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

CARROL, J. *A Espada de Constantino*. A Igreja Católica e os judeus. Tradução de Renato Pompeu. São Paulo: Hanole Ltda, 2002.

CASTRO, I. E. O Território e o poder autônomo do Estado. Uma discussão a partir da Teoria de Michael Mann. In MENDONÇA, Francisco; LOWEN-SAHR, Cecilian Luíza; SILVA, Márcia (orgs.). *Espaço e Tempo*. Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Rio de Janeiro: Ademadan, 2009, p. 579-595.

CLAVAL, P. Le Thème de la Religion dans les Études Géographiques. *Geographie et Cultures*. Paris, n. 2, p. 85-111, 1992.

\_\_\_\_\_. Les Dimension Culturelles Du Pouvoir. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R.L. (orgs.). *Conceitos e Temas em Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

CORRÊA, R. L. Uma Nota sobre o Urbano e a Escala. *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano VII, n.11, 12 e 13, set./out., 2003.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto

Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, p.92-123.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos, 1989.

ROSENDAHL, Z. Território e Territorialidade: Uma perspectiva Geográfica para o Estudo da Religião. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R.L.(orgs.). *Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p. 191-226.

\_\_\_\_\_. Primeira a Obrigação depois a Devoção: Estratégia espaciais da igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005. Paisagem, Tempo e Espaço. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R.L.(orgs.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

STODDARD, R. H.; PROPOK, C. V.. Geography of Religion: and belief system. In: G. L.; WELLMOTT, C. J. *Geography in American at The dawn of the 21° Century*. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 759 –767.



## HISTORY, THEORY AND METHOD IN GEOGRAPHY OF RELIGION

**Abstract:** This article intends to stick out as a boarding many which walk together in the search of religion inside geographical science. The article is structured in two reflection parts : the first one worries about the thematic history and the theoretical-methodological proceedings of investigation. The second part is dedicated to the empiric examples . This mentioned examples are contributions for the understanding of reflexions contained in the first part. The man's religious motivation , in the space and time, and his spatial (re)organization represents the focus of this analysis.

**Keywords:** Geography of religion. Sacred . Faith